

O SURDO E O OUTRO: EVIDÊNCIAS DE VALORES CULTURAIS DOS SURDOS NAS HISTÓRIAS EM QUADRINHOS

THE DEAF AND THE OTHER: EVIDENCE OF DEAF'S CULTURAL VALUES IN COMICS

Nemuel Gonçalves de Lima

Universidade Federal da Paraíba (UFPB)

nemuel.lima@gmail.com

Resumo: Esse artigo objetiva apresentar a análise de uma tirinha da coletânea “*That Deaf Guy*”, a fim de indicar o percurso da significação e os valores culturais expressos nas relações dos sujeitos surdos registrados em suas produções em quadrinhos. A obra “*That Deaf Guy: A wild ride!*” é um produto cultural e objeto de investigação extremamente valioso que nos leva a descobrir aspectos históricos, sociais e culturais dos sujeitos surdos. A base teórica desse artigo é a semiótica de linha francesa, especificamente, a metodologia do percurso da significação de Greimas, visto que o foco da pesquisa é identificar as significações e os valores culturais, conceitos estes teorizados amplamente pela Escola de Paris. A partir da análise do nível narrativo, discursivo e fundamental, destacando a tematização, os valores culturais e as relações entre eles.

Palavras-chave: Histórias em Quadrinhos; Semiótica Francesa; Semiótica da Cultura Surda; Identidade Surda;

Abstract: This article aims to analyze a comic from the collection “*That Deaf Guy*”, in order to investigate the path of meaning and cultural values manifested in the relations of deaf subjects and recorded in their comic productions. The work “*That Deaf Guy: A wild ride!*” it is an extremely valuable cultural product and object of investigation that leads us to discover historical, social and cultural aspects of deaf subjects. The theoretical basis of this article is the French-line semiotics, specifically, the methodology of Greimas’ signification pathway, since the focus of the research is to identify cultural meanings and values, concepts widely theorized by the School of Paris. From the analysis of the narrative, discursive and fundamental level, highlighting the theme, cultural values and the relationships between them.

Keywords: Comics; French Semiotics; Semiotics of Deaf Culture; deaf identity;

1. Introdução

Nesse trabalho, analisamos, sob a perspectiva metodológica da semiótica greimasiana, como se dão os percursos da significação nas histórias em quadrinhos (HQ) produzidas por autores surdos, em especial, na coletânea “*That Deaf Guy: A wild a ride!*”, obra de Math

e Kay Dailge que imprimem, em suas tirinhas, as experiências sociais dos surdos, dando visibilidade à identidade e à cultura surda.

Como será explicado adiante na sessão de análise, Math e Kay Daigle são artistas surdos, estadunidenses, formados pela Gallaudet University que, desde 1864, se consolidou como grande polo de produção artística, literária e cultural do povo surdo. Em suas produções, os autores dão ênfase aos temas identidade e cultura surda e convidam os leitores a conhecerem os artefatos culturais do povo surdo, utilizando-se do humor e da ironia para tecerem crítica social e aguçarem a curiosidade do leitor.

As obras de Math e Kay, rapidamente, popularizaram-se na comunidade surda brasileira, entre elas as tirinhas que compõem a coletânea “That deaf guy”, difundidas nas redes sociais pelo nome “Aquele cara surdo”, que trazem, em seu conteúdo, o registro de experiências reais compartilhadas por surdos em todo mundo. Daí, dispomo-nos a analisar como os autores Math e Kay Daigle representam a vida surda em seus quadrinhos e como se dão os percursos gerativos da significação em sua obra.

Para os estudos surdos, de acordo com a contribuição de Perlin (2001), a identidade surda é considerada o jeito de ser surdo em suas multiformes manifestações apresentadas, através das relações com seus pares e com o outro. Strobel (2008) complementa relacionando a identidade surda à sua cultura definindo a cultura surda como o conjunto de transformações realizadas pelos sujeitos surdos no meio em que vivem. Essas experiências sociais e culturais são compartilhadas por todos os surdos espalhados pelo mundo, preservando suas particularidades, o que torna as diversas culturas surdas frutos da presença do povo surdo em sociedade. A noção de pertencimento a um povo, reforça os laços entre aqueles que fazem parte da comunidade surda e a consequência disso é a preservação da tradição, da memória e da cultura do povo surdo.

Para os teóricos da Escola de Paris que difundiram o método de análise de Greimas, todo texto pode ser analisado em três níveis distintos que apontam para os valores culturais presente no texto através do percurso gerativo da significação. Esses níveis são: o fundamental, o narrativo e o discursivo.

Através das análises de uma tirinha dos Daigles apontamos nesse artigo para aspectos que fazem das histórias em quadrinhos um artefato único, aspectos tais como: o processo de criação dos Daigles, o uso de elementos visuais específicos para composição da tirinha, as formas nas quais as representações são postas nas narrativas, a expressiva diferença percebida quando comparada com o conteúdo das obras de autores não surdos e a filosofia que permeia a produção criativa dos autores surdos em “Aquele cara surdo”.

Ademais, este artigo é composto por três seções nas quais apresenta-se os conceitos que relacionam os estudos semióticos com os estudos surdos, tal diálogo embasa teoricamente essa pesquisa; em seguida, é apresentada a relevância da obra dos Daigles e o expoente que a coletânea “That Deaf Guy” representa para a comunidade surda e para o acervo cultural e literário do povo surdo, logo após é apresentada a análise de uma tirinha da coletânea dos Daigles e, por fim, apresentadas as considerações finais que contém uma síntese fruto das reflexões desse trabalho.

Diante das indagações que poderiam motivar a produção desse artigo, enfatiza-se aquela que se tornou o cerne desse trabalho, a saber: Como os autores surdos registram sua cultura e identidade nas HQs? Quais são os valores culturais postos pelos autores na tirinha analisada? Diante disso, se faz necessário destacar a relevância e importância patente a esse trabalho. Pois, a escassez de pesquisas com tais temáticas evidencia a urgência de estudos para a fundamentação da semiótica da cultura surda.

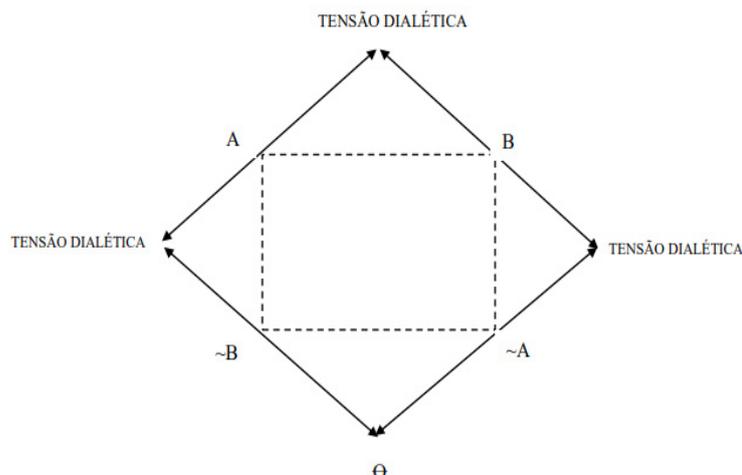
2. Entrelace metodológico: Greimas e suas aplicações

A teoria semiótica greimasiana tem uma metodologia de análise semiótica própria e apresenta uma gramática rebuscada, porém didaticamente denominada para que as categorias dos textos fossem analisadas, detalhadamente, e compreendidas com facilidade. Uma das alternativas mais básicas propostas por Greimas para se alcançar elementos fundamentais do texto é a composição do quadrado semiótico de Greimas.

A metodologia greimasiana serve como um amplificador da trama narrativa do texto. Através dela o pesquisador alcança diversos elementos em suas categorias, os elementos são: o sujeito que deseja alcançar algo (objeto de valor), o adjuvante que o ajuda, o oponente que o atrapalha nesse processo de conquista e o destinador que é o elemento que leva o sujeito a alcançar o seu objeto de valor. Os estudiosos da linha greimasiana (Rastier, Courtés, Pais e o próprio Greimas) começaram a descrever suas análises através de figuras geométricas, como o quadrado, o octógono, esquemas de análises outros (Batista, 2003) que confirmam o percurso lógico do texto. Para Greimas (1979), constitui o quadrado semiótico um instrumento que torna possível verificar a estrutura que traz à tona a significação. Compreende-se como quadrado semiótico a representação visual da articulação lógica de uma categoria semântica qualquer.

A estrutura elementar da significação, quando definida – num primeiro momento – como uma relação entre ao menos dois termos, repousa apenas sobre uma distinção de oposição que caracteriza o eixo paradigmático da linguagem: ela é, portanto, suficiente para constituir o paradigma composto de n termos, mas não permite por isso mesmo distinguir, no interior desse paradigma, categorias semânticas baseadas na isotopia (“o parentesco”) dos traços distintivos que nele podem ser reconhecidos (GREIMAS, 1979, p.364)

Considerado como uma evolução do quadrado semiótico, o octógono semiótico, além dos já conhecidos termos contrários, contraditórios e de implicação, acrescenta àqueles os pontos de tensão detectados na estrutura fundamental, aconselha-se o uso desse recurso eficaz para a análise semiótica. O octógono semiótico e seus elementos podem ser representados como se segue:



FONTE: O AUTOR (2020)

De acordo com Pais (1982), os elementos como estão dispostos acima no gráfico se relacionam de forma bastante específica. Na parte superior, temos a dêixis positiva (A e B) onde uma é o contrário da outra. Na parte inferior, a dêixis negativa (~A e ~B) onde uma é o contrário do outro, respectivamente. Nas linhas verticais do quadrado, tem-se o eixo da implicação onde (A) implica em (~B) e (B) implica em (~A). Da tensão dialética entre (A) e (B), resulta um valor; na diagonal constituem-se os contraditórios entre (A) e (~A) bem como entre (B) e (~B). (~A) e (~B) constituem a inexistência semiótica, simbolizada no octógono com o símbolo matemático \emptyset (vazio). Na diagonal constituem-se os contraditórios entre (A) e (~A) bem como entre (B) e (~B).

A autora Diana Barros (2005) em sua obra “Teoria semiótica do texto” explica didaticamente as características de cada nível (estrutura). Sobre as estruturas estabelecidas por Greimas, a autora sintetiza.

No primeiro nível, o fundamental, surge a significação como uma oposição semântica mínima; no segundo patamar, denominado nível narrativo ou das estruturas narrativas, organiza-se a narrativa, do ponto de vista de um sujeito; o terceiro nível é o do discurso ou das estruturas discursivas em que a narrativa é assumida pelo sujeito da enunciação. (BARROS, 2005, p. 13)

No primeiro nível ou estrutura fundamental, temos uma visão ampla sobre a oposição semântica mínima presente no texto, a chamada estrutura elementar da significação ou a semântica profunda, além dos elementos tímicos (euforia e disforia) que causam tensão e relaxamento na narrativa, apontando para o conflito ou tensão dialética contidos no texto. (GREIMAS, 1970; COURTÉS, 1979; BARROS, 2005).

A oposição semântica encontrada nesse nível pode ser apreendida entre dois termos que fazem parte do mesmo eixo semântico. A partir desses elementos é desencadeada uma rede de relações que, conseqüentemente, resultam em valores expressos no texto. As relações são definidas no octógono através das linhas horizontais, verticais e diagonais, estas resultam nas relações de oposição, implicação e contrariedade.

Os elementos que se opõem e compõem a categoria semântica do octógono são classificados como eufórico ou disfórico. A estes são atribuídos pelo texto valor positivo ou negativo. Entretanto, o contexto e a perspectiva pela qual a narrativa é analisada pode gerar inversão dos valores. Isso porque determinado valor pode ser positivo a partir da perspectiva de um sujeito, enquanto esse mesmo valor pode ser negativo se considerarmos a perspectiva de outro sujeito. Podemos ainda estabelecer um percurso entre os termos da oposição mínima do texto de forma a explicitar as mudanças ocorridas. Nessa parte, apresenta-se o discurso, parte a parte, apontando para os termos afirmados e negados na sequência dada pelo discurso.

O modelo proposto por Barros (2005) nos ajuda a destrinchar a análise da estrutura fundamental através da negação ou afirmação dos valores do texto que, a depender da perspectiva dos sujeitos, pode ser considerada positiva ou negativamente. Barros (2005) e Fiorin (2011) classificam os elementos de euforia e disforia como parte da semântica da estrutura fundamental, e as relações que afirmam ou negam esses elementos como sendo parte da sintaxe da estrutura fundamental.

O segundo nível, a estrutura narrativa é a etapa intermediária do percurso gerativo da significação, ela é dada por dois momentos: sintático e semântico. Para Courtés (1979), a estrutura narrativa nos possibilita a visualização dos sememas do modelo actancial, a saber: os semas, elementos mínimos da significação, os efeitos de sentido. Para o autor, os sememas podem ser tipificados da seguinte forma: o actante e o predicado. Compreende-se como actante aquela unidade discreta que é vista como uma entidade.

O predicado, a unidade integrada, se instaura quando o actante o assume na narrativa. Dessa forma, o predicado pode ser tipificado em duas classes: do ser e do fazer. O primeiro informa o estado dos actantes e sua competência para agir e o segundo mostra a transformação gerada pela ação do actante (BATISTA,2003;2009). Quando o predicado é estático, ele pode ser denominado como qualificação e o seu oposto é denominado função. É imprescindível que haja a presença do actante e do predicado para que haja sentido numa mensagem.

Greimas (1979) sobre o tipo de junção que se instaura nas relações ente o sujeito e o predicado, conclui que há dois tipos de junção: a situação de conjunção ($S \cap O$), quando o sujeito obtém ou se une ao seu objeto e a situação de disjunção ($S \cup O$) quando o sujeito não consegue se manter próximo ao seu objeto. O enunciado do fazer rege o enunciado de estado, relação que pode ser representada pelo índice seguinte.

$$F = [S1 \rightarrow (S2 \cup Ov) > (S2 \cap Ov)]$$

Dado o enunciado de fazer, compreendemos que sua narrativa mínima gira em torno do estado inicial de um sujeito, da transformação causada e sofrida nessa relação, o estado 6 Leia-se: Pelo fazer transformador de S1, S2 em disjunção com o objeto de valor passa a S2 em conjunção do objeto de valor final. Assim, concordamos com Greimas (1979) quando diz que o enunciado de fazer é uma representação de uma ação contada que

produz um estado. Este representado no programa narrativo que traz à tona a organização sintática da ação.

O terceiro nível, o da estrutura discursiva, é o nível mais superficial do percurso gerativo da significação. Assim como no nível fundamental e narrativo, o nível discursivo também é descrito através de uma sintaxe e de uma semântica. O objetivo desse nível é apresentar o discurso assumido pelo sujeito, a fim de criar a sensação de verdade do texto. Nele podemos inferir classificações como: a pessoa do discurso, o tempo, o espaço, o modo, o tema do discurso e as figuras contidas no discurso. Analisando também as relações entre enunciação x enunciado e enunciador x enunciatário.

Em Fiorin (2011), a enunciação é tida como o ato produtor do enunciado, enquanto o enunciado é o produto da enunciação. A enunciação é compreendida aqui como um ato, cuja ação do sujeito evoca a geração do sentido. Através do enunciado, podemos ser levados a perceber aspectos que nos comunicam subjetividades que estão presentes no ato enunciativo. Entre esses aspectos, temos os traços linguísticos e estilísticos do enunciador no enunciado que projetam em nossos olhos as categorias enunciativas da pessoa, do espaço e do tempo do enunciado.

Batista (2000) orienta que na semântica discursiva, há que considerar os procedimentos semióticos de tematização e a figurativização. Estes são instaurados no discurso pelo sujeito da enunciação. A tematização ou percurso temático é chamado por Fiorin (1999) de encadeamento de temas. Barros (2005) ainda afirma que o percurso temático pode ser originado a partir de uma conversão do percurso narrativo. As figuras apresentadas no texto trazem à tona os temas que regem o discurso (BATISTA, 2009).

O texto encontra seu lugar entre os objetos culturais, inserido numa sociedade (de classes) e determinado por formações ideológicas específicas. Nesse caso, o texto precisa ser examinado em relação ao contexto sócio-histórico que o envolve e que, em última instância, lhe atribui sentido (BARROS, 2003. P.12).

Ao analisar a tematização, podemos perceber as relações entre os temas e o percurso narrativo, as relações entre os temas e figuras. Assim, identificar traços semânticos presentes no discurso, além de projetar as pessoas, os tempos e os espaços presentes na sintaxe discursiva.

O texto só existe quando concebido na dualidade que o define — objeto de significação e objeto de comunicação — e, dessa forma, o estudo do texto com vistas à construção de seu ou de seus sentidos só pode ser entrevisto como o exame tanto dos mecanismos internos quanto dos fatores contextuais ou sócio-históricos de fabricação do sentido. (BARROS, 2003. p.12)

Fiorin (2011) concorda com essa definição e define figura como o termo que remete ao mundo natural (real ou fictício). Em Greimas (1979), podemos complementar tal definição a partir da afirmação do autor que aponta para as figuras como revestimentos semânticos dado a objetos, processos e circunstâncias através de lexemas no nível discursivo. Elas

podem ser verbais, nominais ou circunstanciais nos casos quando indicam tempo e espaço. Assim, o próprio papel temático se torna um exemplo de figura nominal.

Greimas (1979) afirma que as configurações discursivas estão estreitamente relacionadas às comunidades culturais. Elas especificam como determinado tema ou figura é compreendida por diferentes perspectivas culturais. A perspectiva cultural posta aqui como o coração da pesquisa corresponde às relações culturais do povo surdo e suas produções em histórias em quadrinhos como instrumento de registro das experiências culturais do povo.

As HQs são compreendidas aqui de forma plena, em que seus elementos sincréticos podem evidenciar a identidade e a cultura surda. Os elementos verbais e visuais atuam em conjunto na construção do sentido e para se fazer uma leitura semiótica do percurso gerador da significação, é preciso relacionar os sentidos construídos e estabelecidos em ambas as linguagens. Partimos então do pressuposto de que as HQs são textos completos em sentido e detentores de um percurso de sentido evidenciado pela imagem como elemento figurativo e a linguagem verbal escrita como elemento linguístico integrado ao sistema narrativo. A significação surge na sincronia entre a imagem e palavra.

Sistemas sincréticos são aqueles que acionam várias linguagens de manifestação como ocorre entre os sistemas verbais e um não-verbal nas canções e nas histórias em quadrinhos. Isso quer dizer que o mesmo conteúdo pode ser expresso por meio de planos de expressão diferentes, ou seja, pode se manifestar em um plano que se manifesta no sistema verbal de um romance, por exemplo pode ser adaptado para o cinema em um plano de expressão sincréticos ou inspirar uma sinfonia ou uma tela em planos de expressão não-verbal. (PIETROFORTE, 2004, p.11)

É bem verdade que os pesquisadores de semiótica que se dedicaram a analisar histórias em quadrinhos se apoderaram dos estudos e teorias de Pierce. Entretanto, a inclusão das contribuições de autores como Pietroforte (2004) e Cagnin (1975) apontam para os diálogos científicos em torno do gênero quadrinho numa espécie de estado da arte para que se compreenda a importância científica e cultural dessa produção que por anos tem sido considerada marginal e sem relevância social.

3. Identidade, Cultura e Comunidade:

Análise semiótica da tirinha dos Daigles

Selecionamos entre os quadrinhos dos Daigles a amostragem constituída de uma tirinha para ser analisada. Para tal, decidimos selecionar um exemplar que apresenta em sua essência algum artefato cultural do povo surdo como temática central. Além disso, aquela que busca enfatizar a identidade surda e o protagonismo da língua de sinais.

“Aquele cara surdo” (tradução livre) faz parte do imaginário popular dos surdos. As aventuras de Desmond e sua turma narram curiosidades da vivência surda com humor, ironia e crítica social. O desenvolver das tramas nas tirinhas aqui apresentadas nos mostram as relações de sujeitos surdos e seus pares no meio social e como esses sujeitos enfrentam

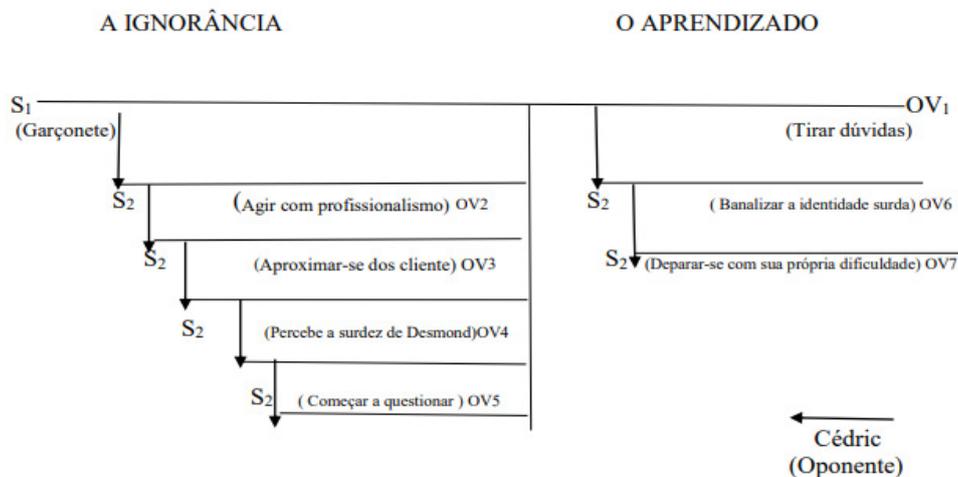
as barreiras culturais e ainda como as vencem. Os percursos foram analisados de acordo com Greimas (1975), considerando as estruturas: fundamental, narrativa e discursiva.

As etapas das análises são aquelas propostas por Greimas (1975), entretanto, partimos da estrutura narrativa, seguimos para a estrutura discursiva e finalizamos na estrutura fundamental como está disponível a seguir.

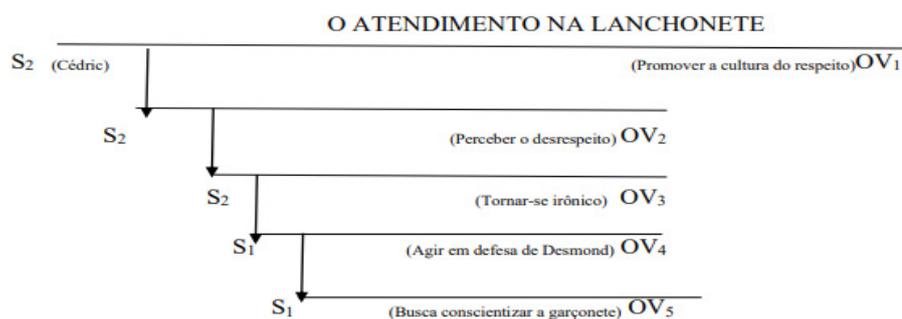


3.1. Nível narrativo

A tirinha trata sobre a importância da língua de sinais como instrumento de inclusão social. Ela é composta por três quadrinhos onde são registradas as interações entre três sujeitos semióticos. O sujeito semiótico 1 (S1), figurativizado pela garçonete, tem como principal objeto de valor o tirar as suas dúvidas (OV1). Para alcançar o objeto de valor, o S1 realiza um percurso curto composto por dois momentos denominados aqui como: a ignorância e o aprendizado. No primeiro momento, o S1 é movido por seu desejo para agir com profissionalismo (Ov2) e, por isso, se aproxima dos clientes na mesa (Ov3). Ao chegar próximo dos clientes, ele percebe a surdez de Desmond (Ov4) e logo começa a questionar (Ov5). Trata-se de um sujeito que foi destinado pela presença de Desmond, já que S1 expressa interesse em querer saber o que faz de Desmond um cliente diferente. Essa parte da narrativa não nos apresenta adjuvantes ou oponentes, apesar de percebermos a presença de Cédric (S2) que acompanha a ação da garçonete (S1). O segundo momento, como está explicitado na tirinha, instaura-se com a postura desrespeitosa da garçonete (S1) que banaliza a identidade surda de Desmond (OV6). Logo, S1 é confrontado por Cédric (S2). Nesse momento, S2 se torna oponente de S1, pois, apesar de responder aos questionamentos do S1 aproximando-o de seu objeto de valor principal, ele age com ironia resultando na manutenção do estado de ignorância da garçonete. A ação do oponente é motivada pela performance adotada pela garçonete (S1) que questiona a surdez e banaliza sua condição. Então, se instaura o conflito que torna o S1 disjuncto do seu objeto de valor principal, pois seu oponente o impede de ter todas as suas dúvidas sanadas. Tal fato é evidenciado pela mudança de expressão facial da S1, a garçonete. Os momentos do percurso do S1 podem ser visualizados no diagrama abaixo:

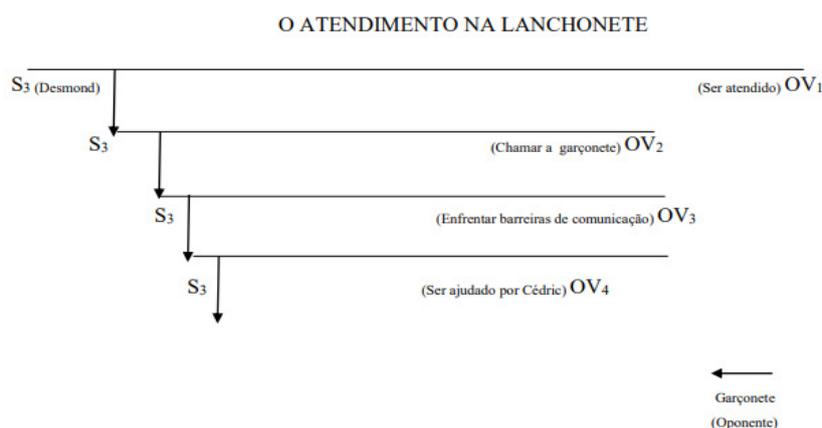


O S1, a garçonete, se instaura na narrativa no primeiro momento por um querer-fazer o seu trabalho de garçonete, no segundo momento, por um querer-saber. Sua necessidade em se questionar sobre a condição de Desmond se estende por toda narrativa e é percebido como sendo mais importante do que seu fazer profissional. Temos, então, um querer-fazer seu trabalho e o querer-saber as respostas de suas questões. Entretanto, a narrativa constrói um plano de fundo que aponta para o desrespeito figurativizado na forma como a garçonete questiona. A busca pelo respeito está figurativizada nas ações do S2 e S3 quando a garçonete (S1) demonstra total desconhecimento da condição surda de seu cliente. Desse modo, S1 conclui seu percurso disjuncto do seu objeto de valor (tirar dúvidas) embora ele tenha alcançado os demais objetos de valor que o fez iniciar os seus questionamentos. O sujeito semiótico 2 (S2), figurativizado por Cédric, tem como principal objeto de valor promover a cultura do respeito (OV1). Para alcançar o objeto de valor, o S2 realiza um percurso composto por apenas um momento: o atendimento na lanchonete. Esse momento se instaura na narrativa quando Cédric (S1) percebe a atitude desrespeitosa da garçonete (OV2). Ele é autodestinador de sua ação quando compreende que deve-ser a pessoa que irá combater o desrespeito e defender a Desmond. Tomado por ironia (OV3) se instaura como a oposição do S1. Movido pelo conhecimento da causa, Cédric age em defesa de Desmond (OV4), busca conscientizar a garçonete sobre a identidade surda de Desmond (OV5). Cédric deseja evitar que Desmond seja desrespeitado intervindo na postura da garçonete. S2 termina seu percurso satisfeito e conjunto do objeto de valor principal, promover a cultura do respeito. Tal fato pode ser comprovado nos quadrinhos da tirinha que materializam o momento em que as perguntas inconvenientes da garçonete são refutadas por Cédric, instaurando o conflito da narrativa. Esse percurso pode ser visualizado no diagrama a seguir:



S2 tem a competência do fazer-saber se instaura num dever-ser o conscientizador quando se aproxima da garçonete para respondê-la e combater sua atitude desrespeitosa. O discurso do S1 pode ser classificado como questionador, quando se põe ao querer-saber sobre a surdez. S1 é interceptado por S3 (Cédric) por um fazer-saber que o convence da real condição de Desmond (S3). O sujeito semiótico 3 (S3), figurativizado por Desmond, tem como objeto de valor principal ser atendido (OV1), compreendido aqui como a busca por acessibilidade e respeito. Para obter o seu objeto de valor, S3, no momento do atendimento, ele espera a garçonete (OV2), enfrenta barreiras na comunicação, pois a garçonete não sabe língua de sinais (OV3), é ajudado por Cédric (OV4).

Entendemos que, pelo fato da garçonete não se comunicar em língua de sinais, ela se instaura como oponente do S3. Sem comunicação, não há atendimento e, conseqüentemente, não há acessibilidade e respeito. Diante da atitude de desrespeito por parte da garçonete para com o cliente surdo, a reação de Cédric se torna inevitável. Isso torna Cédric o adjuvante do S3, pois combate o oponente e busca aproximar o sujeito de seu objeto de valor principal. O sujeito termina o percurso disjuncto de seu objeto de valor principal. Adiante, o percurso do S3 poderá ser observado.



O S3 se instaura por um querer-ter, quando busca ser atendido pela garçonete na lanchonete, mas é afastado de seu objeto de valor durante todo o percurso, pois a garçonete não se comunica em língua de sinais. Além de demonstrar desrespeito à sua condição surda. Através de respostas irônicas, diante dos questionamentos da garçonete, S3 se modaliza em não-poder-ter quando a garçonete se dá conta de sua inconveniência e ignorância. No

diálogo, é perceptível o valor da língua de sinais como ferramenta de empoderamento social e construção da identidade dos sujeitos em sua cultura.

Sobre isso, temos a contribuição de Strobel (2008, p.44) que aponta para a língua de sinais como uma das principais marcas da identidade do povo surdo. É uma forma de comunicação que capta as experiências visuais dos sujeitos surdos, sendo que é esta língua que vai levar o surdo a transmitir e proporcionar a aquisição de conhecimento universal.

Em linhas gerais, entende-se que o surdo é visto pela ouvinte como um ser incapaz devido à comprovação de que ele não pode ouvir. A partir da presença de Desmond (sujeito de ação) com a ação adjuvante de Cédric, é apresentada à garçonete outra realidade sobre o ser surdo. O surdo apresentado a garçonete por Cedric é aquele que é dotado da língua de sinais e plenamente capaz da vida social, justamente por possuir um artefato linguístico que lhe proporciona essa liberdade e autonomia. É possível perceber que, no início da narrativa, a garçonete se encontra em disjunção com a língua de sinais e acredita que o surdo não consegue se comunicar, isto é, está disjunto do falar. A participação de Cedric representa aquelas pessoas que compreendem o surdo como um ser capaz socialmente e culturalmente, pois reconhecem a língua de sinais como meio de comunicação e expressão do surdo. Percebe-se também que Cedric sinaliza enquanto fala, promove a inclusão de Desmond em torno de tudo que é conversado ali. Esses fatos evidenciam que Cedric está em conjunção com a língua de sinais e consequentemente em conjunção com o surdo. Em relação ao objeto de valor, a comunidade ouvinte é representada pela garçonete que, em primeiro momento, encontra-se em disjunção. Apesar do quadrinho não registrar a garçonete sinalizando ao final da tirinha, percebe-se que o processo de transformação sofrido por ela promoveu um novo olhar sobre a forma com que Desmond se comunica. Isso porque, num primeiro momento, a garçonete, dentro de sua perspectiva cultural, acredita que os surdos não falam, logo não se comunicam.

As transformações são ocasionadas pela intervenção de Cedric que, no primeiro momento, demonstra a visão equivocada da garçonete apresentando a língua de sinais como o fator que dá autonomia para o surdo viver em comunidade. No segundo momento, a própria garçonete reconhece seu equívoco, o que indica que a transformação começou a acontecer. Tal estado é percebido pela variação de expressão da garçonete, registrada na sobrançelha. Ela parte da presunção, passa pela surpresa e chega ao constrangimento depois que Cedric intervém. A garçonete está privada do objeto de valor atender aos clientes surdos quando ela se comunica com a fala (língua-oral); Cédric passa a conscientizar a garçonete (sujeito de fazer); A transformação é o conscientizar sobre a língua de sinais; o sujeito de estado que tem sua situação alterada é a garçonete. Dessa forma, o sujeito semiótico 1 em disjunção com seu objeto de valor passa a ser um sujeito em conjunção com seu objeto de valor

$$FT = [(S1UOv) \rightarrow (S1 \cap Ov)]$$

Esse percurso fica ainda mais evidente com o distanciamento entre os personagens no espaço. A tirinha mostra a garçonete afastada fisicamente em relação a Desmond (o surdo).

As mudanças da expressão facial da garçonete evidenciam o processo de conscientização dela através das artimanhas de Cédric. O fato de a garçonete se dirigir somente a Cedric reforça a ideia de que ela realmente não compreende a manifestação linguística vivida pelas pessoas surdas. A mudança de expressão da garçonete também põe esses sentimentos em evidência. A função de Cedric é trazer a realidade sobre o que é ser surdo. Cedric age como aquele que causa um choque de realidade na garçonete. É possível perceber pela expressão de Cedric que ele usa ironia para isso. Trazer a língua de sinais como elemento que une ouvintes a surdos faz da tirinha um ótimo exemplar que evidencia o artefato linguístico do povo surdo nessa produção. A expressão final da garçonete demonstra que ela percebe o equívoco e a consciência retoma que ela precisa aceitar as diferenças, afinal ela está ali para servir o surdo e não conseguiria fazer isso sem usar a língua de sinais.

3.2. Nível discursivo

Na tirinha, temos um enunciador embreado internamente com a enunciação no tempo e no espaço, percebido pelo diálogo e as relações que ocorrem entre os três sujeitos da enunciação: a garçonete, Cédric e Desmond. O enunciador é um homem surdo de meia idade, apresenta traços marcantes de uma identidade surda política e que tem uma boa relação intercultural (surdos vs ouvintes). Os sujeitos da enunciação estão representados nos sujeitos do enunciado.

O enunciador-autor coincide com Desmond na condição de surdo e com Cédric, como aquele que conscientiza. O enunciatário-leitor está representado na garçonete. O espaço da enunciação é a lanchonete dada pelas evidências do mobiliário que aparece na tirinha, o cardápio que é lido pelos actantes, a presença da garçonete e outros elementos que apontam para essa conclusão.

A ênfase dada pelos Daigles nessa tirinha está focalizada na subjetividade da fala da garçonete que fica ainda mais evidenciada na mudança das expressões faciais das personagens. A posição dos três atores nas tirinhas aponta para um cenário onde a cultura ouvinte está separada da cultura surda pela desinformação. Tal desinformação é combatida com a presença de Cédric que, ao se posicionar entre os dois extremos, atua como uma ponte intercultural. A assinatura dos autores que surge ao fim da tirinha aponta para um pertencimento ao fato narrado, vai além de uma simples assinatura da obra. Representa que o fato narrado foi vivido pelos autores e tal fato se repete com todo o povo surdo espalhado pelo mundo.

O espaço não é dado como um lugar privado, pelo contrário, é um espaço do coletivo. Uma lanchonete aberta a todo o tipo de público que necessite de atendimento. A narrativa não apresenta variação no espaço. Ela se inicia e se encerra com os atores se relacionando no mesmo local. Em Cédric, vemos os ideais de uma sociedade justa e igualitária ser apresentado. No momento do discurso, a sociedade justa e igualitária (espaço utópico) ainda não é real, mas o enunciador aponta para a busca desse ideal em sua obra. A relação do enunciador com os atores é manifesta na defesa e proteção dos direitos linguísticos do povo surdo instaurada na ação de Cédric, o filho CODA de Desmond.

A tirinha figurativiza o anseio do povo surdo que busca uma sociedade mais justa e igualitária, onde as pessoas atuem na promoção da inclusão e do respeito às diferenças. A tirinha apresenta uma nítida sensação de proteção e visibilidade da língua de sinais. No diálogo, percebemos o uso do “então” como interjeição que atua como o mote no diálogo entre os atores.

Essa retomada de Cédric causada pelo uso da interjeição instaura a sensação de virada na narrativa. É o ápice causado por Cédric. As expressões dos personagens no momento do diálogo reforçam a intenção no uso irônico da interjeição. O uso da exclamação “Oh! Que triste” se instaura na narrativa em dois sentidos diferente. Quando dito pela garçonete representa desrespeito, ignorância, percepção equivocada sobre as pessoas surdas, ingenuidade. Por outro lado, quando dito por Cédric, representa defesa, militância, ironia, a virada de estado de incapacidade que sai do surdo para a ouvinte. Não há indícios da enunciação que apontem para a datação do tempo na obra. Amarelo que dá fundo às ilustrações nos leva a entender que o atendimento na lanchonete ocorreu em horário diurno. Os elementos que surgem no discurso nos fazem visualizar o cenário político, no qual a comunidade surda vivenciou a efervescência política e as movimentações da militância surda em busca das garantias dos direitos linguísticos dos surdos.

Sabemos que, mesmo com o avanço das pesquisas da linguística que apontavam para a legitimidade do status linguístico da língua de sinais, ainda existia um enorme hiato no que se referia à uma legislação específica que confirmasse para toda a sociedade que a então “língua de sinais”, agora deveria ser considerada “língua de sinais”. Tal conquista iniciou um processo de transformação social, daí a língua de sinais foi sendo inserida nos programas de educação, nos projetos de inclusão social e atraiu os olhos da maioria ouvinte para o sujeito surdo que convive ao lado.

O tema “respeito” percebido na narrativa é o valor principal do enunciador. Esse é o desejo de Cédric e Desmond para que toda a sociedade conviva na harmonia e sem incapacitar um ao outro. O tema é figurativizado no agir de Cédric e na presença da língua de sinais como objeto de conexão entre as culturas surda e ouvinte. Para o enunciador, o respeito representa o acesso aos direitos, o empoderamento da identidade surda, a aceitação da diferença, o fortalecimento das minorias, a inclusão social, a acessibilidade necessária para as pessoas surdas, pois está dada a partir da empatia.

O tema “língua de sinais” aparece paralelamente ao tema “respeito”. É percebido que o conflito se instaura, exatamente, pelo fato de a garçonete questionar a forma de comunicação do personagem surdo. A língua de sinais é dada como um instrumento de comunicação entre surdos e ouvintes. Ela é a expressão do artefato cultural linguístico e é dada como manifestação da identidade cultural e social do povo surdo.

3.3. Nível fundamental

Nessa tirinha, a categoria semântica é dada na relação de oposição entre respeitar vs desrespeitar. Essa base nos traz outras possíveis relações que se opõem na tirinha, tais como: sinalizar vs falar, ser surdo vs ser ouvinte e atender vs ignorar. Essas oposições são

constatadas na interação da garçonete ouvinte quando questiona Cedric sobre a surdez de Desmond. Dessa forma, a garçonete é a figurativização do desrespeitar (elemento disfórico).

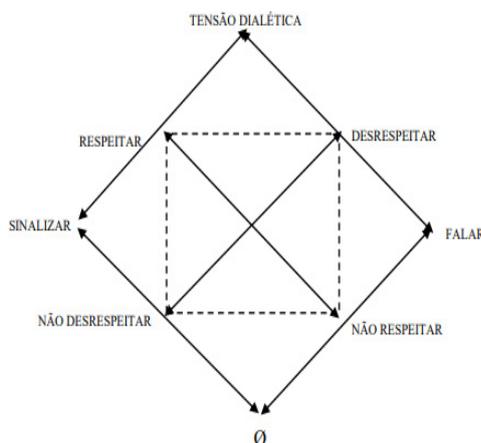
Por outro lado, Desmond figurativiza aquele que busca o respeito (elemento eufórico). Cédric, por sua vez, transita entre os dois extremos, figurativiza o elo entre as culturas ouvinte e surda. Este conflito está representado no octógono adiante. Ao se deparar com a identidade surda de Desmond, a garçonete lamenta porque compara a natureza ouvinte como um estado de capacidade social e natureza surda como defeito e incapacidade. Esse fato indica que a garçonete não compreende que a comunicação dos surdos pode ser feita através do artefato cultural língua de sinais. Tal evidência se comprova quando Cedric se posiciona como defensor de Desmond e questiona se a garçonete colocando a língua de sinais na pauta da conversa. Constatado que a garçonete não sabe sinalizar, Cedric assume a posição de oponente e, ironicamente, devolve para a garçonete a noção de incapacidade que ela atribuiu a Desmond.

O quadrinho expressa o valor da língua no que tange à identidade dos sujeitos nas relações culturais. Tomando a linha de pensamento de Cédric, temos o respeitar agindo em condição de euforia em relação ao desrespeitar, que aparece em disforia.

Em termos gerais, temos as seguintes oposições semânticas:

RESPEITAR ----- NÃO-RESPEITAR----- DESRESPEITAR
 (euforia) (disforia)

Sendo assim, a mensagem da tirinha aponta para o artefato cultural linguístico, a língua de sinais, como o aspecto capaz de ligar as pessoas, trazer identidade e demonstrar a capacidade plena nas relações entre ouvintes e surdos, desfazendo, portanto, a conceituação de deficiência. Por conseguinte, segue-se aqui ao menos um dos conteúdos mínimos fundamentais supracitados, a fim de demonstrar como as relações intersubjetivas desses elementos ocorrem no percurso da tirinha. Surge, então, o octógono semiótico



Na parte superior, temos a dêixis positiva (respeitar e desrespeitar), onde uma é o contrário da outra. Na parte inferior, a dêixis negativa (não respeitar e não desrespeitar). Nas linhas verticais do quadrado, tem-se o eixo da implicação, onde respeitar implica em não desrespeitar e desrespeitar implica em não respeitar. Cédric figurativiza a tensão dialética entre respeitar e desrespeitar; A tensão entre respeitar e não desrespeitar constitui outro valor: o sinalizar; e aquela estabelecida entre desrespeitar e não respeitar representa outro valor: o falar.

Por outro lado, o não desrespeitar e não respeitar constituem a inexistência semiótica, simbolizada no octógono com o símbolo matemático \emptyset (vazio). Na diagonal constituem-se os contraditórios entre respeitar e não respeitar bem como entre desrespeitar e não desrespeitar.

4. Considerações finais

A análise da tirinha que compõe a coletânea “That Deaf Guy”, apresentada nessa pesquisa, revela aspectos semióticos muito particulares ao universo cultural das pessoas surdas e as expressas de forma sincrética como as mãos sinalizando durante os diálogos, atua como elemento que reforça por um ou mais sinais aquilo que está sendo dito. A surdez é colocada como um fator predominante para a construção da identidade cultural de Desmond e sua família, de forma que as temáticas levantadas de cunho social, político e cultural são defendidas e enfatizadas pelas personagens em mesmo nível de importância.

A obra “That deaf Guy” se coloca aos nossos olhos como mediadora entre a cultura surda e a cultura ouvinte, haja vista que essa última tem o potencial natural às histórias em quadrinhos para educar e divertir, conscientizar e fazer rir, estimular a reflexão e o lúdico, ao mesmo tempo em que registra a história do povo surdo e de seus ideais no contexto social em que ela foi escrita.

Podemos ressaltar também que, durante a constituição da fundamentação teórica da semiótica, o olhar do pesquisador foi levado a entender que, assim como nas obras em quadrinhos, as demais produções literárias e artísticas do povo surdo carregam elementos semióticos que apontam para um sistema de signos próprios de acordo com a identidade do surdo que interage com o texto. Essa observação visa apontar para a constituição do que poderá ser chamado de semiótica da cultura surda, que é o fenômeno da significação manifestado por signos específicos expressos na produção cultural e nas relações dos sujeitos surdos com o mundo.

5. Referências bibliográficas

BARROS, D. Teoria Semiótica do Texto. São Paulo. Ed. Parma, 2005.

BATISTA, M. F. B. M. B. Semiótica: caminhar histórico e perspectivas atuais. Revista de letras. Nº 25, Vol. 1. 2003

BATISTA, M. F. B. M. B. Semiótica e cultura: valores em circulação na literatura popular. Universidade Federal da Paraíba. Programa de Pós-graduação em Letras. 61ª Reunião Anual da SBPC. Manual/AM - julho, 2009.

- BATISTA, M. F. B. M. B. Modelos pancrônicos de descrição linguística: percursos de CAGNIN, Antônio Luís. Os quadrinhos. São Paulo, Ática, 1975.
- COURTÉS, J. Introdução à semiótica narrativa e discursiva. Coimbra: Almedina, 1979
- FIORIN, J. L. Elementos de análise do discurso. São Paulo: Ática, 1989. FIORIN, J. L. A noção de texto em semiótica. *Organon*, v.9, p.163-73, 1995.
- GREIMAS, A. J. Semântica Estrutural. Paris: Larousse 1966. GREIMAS, Algirdas Julien, COURTES, Joseph; tradução Alceu Dias Lima... [et al.]. Dicionário de semiótica. São Paulo: Cultrix, 1979.
- GREIMAS, A. J. Sobre o sentido: Ensaio semióticos. Tradução de Ana Cristina Cruz Cezar [e outros]. Revisão de Milton José Pinto. Petrópolis, Vozes, 1975
- PAIS, Cidmar Teodoro. Texto, discurso e universo de discurso: aspectos das relações entre enunciação e enunciado In *Revista Brasileira de Linguística*, Vol 14, Nº 1. São Paulo: Universidade Braz Cubas: Terceira Margem, 2007
- PAIS, Cidmar Teodoro; Elementos para uma tipologia dos sistemas semióticos. In: *Revista Brasileira de Linguística*. São Paulo, v. 6, n.º 1 p.45-60, 1982.
- PERLIN, G. Identidades surdas. In: SKLIAR, C. (Org.). *A surdez: um olhar sobre as diferenças*. Porto Alegre: Mediação, 1998
- PIETROFORTE, Antônio Vicente. *Semiótica visual: os percursos do olhar*. Editora Contexto. São Paulo, 2004
- STROBEL, K. *As Imagens do outro sobre a Cultura Surda*. Florianópolis, Ed. Da UFSC, 2008